

**ENVELHECIMENTO DA MULHER NEGRA E NEUROPSICOPEDAGOGIA:
DESAFIOS INTERSECCIONAIS E ESTRATÉGIAS PARA A QUALIDADE DE
VIDA**

**BLACK WOMEN'S AGING AND NEUROPSYCHOPEDAGOGY:
INTERSECTIONAL CHALLENGES AND STRATEGIES FOR QUALITY OF LIFE**

**ENVEJECIMIENTO DE LA MUJER NEGRA Y NEUROPSICOPEDAGOGÍA:
DESAFÍOS INTERSECCIONALES Y ESTRATEGIAS PARA LA CALIDAD DE
VIDA**



10.56238/revgeov17n1-033

Cristiane Almeida Lisboa

Doutoranda em Mudança Social e Políticas Públicas

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: munzyla@gmail.com

Orcid: 0009-0000-3580-0399

Antonio Cordeiro de Souza Junior

Doutorando em Educação

Instituição: Universidad Tecnológica Intercontinental (UTIC)

Endereço: Asunción, Paraguay

E-mail: antoniojunior3@gmail.com

Orcid: 0009-0004-4817-9676

RESUMO

O artigo explora o envelhecimento acelerado da população brasileira, focando nos desafios enfrentados por mulheres negras, um grupo vulnerável devido ao racismo estrutural, desigualdade de gênero e condições socioeconômicas. Essas mulheres vivenciam uma exclusão cumulativa que afeta sua saúde, bem-estar, acesso a direitos e capacidade de aprendizagem. Objetiva-se analisar a relação entre o envelhecimento das mulheres negras e as contribuições da neuropsicopedagogia para a promoção da qualidade de vida, autonomia e aprendizagem nesse grupo. Para tanto, procede-se a uma abordagem qualitativa, descritiva e analítica, fundamentada em pesquisa bibliográfica. Desse modo, observa-se que a neuropsicopedagogia emerge como campo essencial, articulando saberes da neurociência, psicologia e pedagogia para compreender o envelhecimento como um processo dinâmico e contínuo de aprendizagem, valorizando a plasticidade cerebral e as experiências socioculturais. O estudo destaca a importância de intervenções neuropsicopedagógicas pautadas na valorização da identidade, cultura e saberes tradicionais dessas mulheres, promovendo autoestima, pertencimento e participação social, apesar das barreiras de acesso como desigualdades socioeconômicas e modelos eurocêntricos. Conclui-se que uma neuropsicopedagogia crítica e interseccional é crucial para a promoção da equidade, dignidade e qualidade de vida das mulheres negras na velhice, reafirmando o aprendizado como um direito inalienável ao longo da vida.



Palavras-chave: Envelhecimento. Mulheres Negras. Neuropsicopedagogia. Interseccionalidade. Racismo Estrutural.

ABSTRACT

This article explores the accelerated aging of the Brazilian population, focusing on the challenges faced by Black women, a vulnerable group due to structural racism, gender inequality, and socioeconomic conditions. These women experience cumulative exclusion that affects their health, well-being, access to rights, and learning capacity. The objective is to analyze the relationship between the aging of Black women and the contributions of neuropsychopedagogy to promoting quality of life, autonomy, and learning in this group. To this end, a qualitative, descriptive, and analytical approach is used, grounded in bibliographical research. Thus, it is observed that neuropsychopedagogy emerges as an essential field, articulating knowledge from neuroscience, psychology, and pedagogy to understand aging as a dynamic and continuous learning process, valuing brain plasticity and sociocultural experiences. The study highlights the importance of neuropsychopedagogical interventions based on the valorization of these women's identity, culture, and traditional knowledge, promoting self-esteem, belonging, and social participation, despite access barriers such as socioeconomic inequalities and Eurocentric models. It is concluded that a critical and intersectional neuropsychopedagogy is crucial for promoting equity, dignity, and quality of life for Black women in old age, reaffirming learning as an inalienable right throughout life.

Keywords: Aging. Black Women. Neuropsychopedagogy. Intersectionality. Structural Racism.

RESUMEN

Este artículo explora el envejecimiento acelerado de la población brasileña, centrándose en los desafíos que enfrentan las mujeres negras, un grupo vulnerable debido al racismo estructural, la desigualdad de género y las condiciones socioeconómicas. Estas mujeres experimentan una exclusión acumulativa que afecta su salud, bienestar, acceso a derechos y capacidad de aprendizaje. El objetivo es analizar la relación entre el envejecimiento de las mujeres negras y las contribuciones de la neuropsicopedagogía para promover la calidad de vida, la autonomía y el aprendizaje en este grupo. Para ello, se utiliza un enfoque cualitativo, descriptivo y analítico, fundamentado en la investigación bibliográfica. Así, se observa que la neuropsicopedagogía emerge como un campo esencial, articulando conocimientos de neurociencia, psicología y pedagogía para comprender el envejecimiento como un proceso dinámico y continuo de aprendizaje, valorando la plasticidad cerebral y las experiencias socioculturales. El estudio destaca la importancia de las intervenciones neuropsicopedagógicas basadas en la valorización de la identidad, cultura y saberes tradicionales de estas mujeres, promoviendo la autoestima, el sentido de pertenencia y la participación social, a pesar de las barreras de acceso como las desigualdades socioeconómicas y los modelos eurocéntricos. Se concluye que una neuropsicopedagogía crítica e interseccional es crucial para la promoción de la equidad, dignidad y calidad de vida de las mujeres negras en la vejez, reafirmando el aprendizaje como un derecho inalienable a lo largo de la vida.

Palabras clave: Envejecimiento. Mujeres Negras. Neuropsicopedagogía. Interseccionalidad. Racismo Estructural.



1 INTRODUÇÃO

O Brasil está envelhecendo de forma acelerada, o que torna urgente a reflexão sobre o impacto desse processo na vida das pessoas idosas, especialmente em grupos vulneráveis, como mulheres negras. Essas mulheres enfrentam desafios específicos decorrentes de um histórico de racismo estrutural, desigualdade de gênero e condições socioeconômicas que comprometem sua saúde, bem-estar e acesso a direitos fundamentais (Barbosa; Oliveira; Oliveira, 2024; Benedito; Paiva, 2025). O recorte desse estudo busca destacar a relevância de compreender as especificidades desse grupo para promover equidade social, autonomia e qualidade de vida na velhice.

O foco nas mulheres negras é essencial, pois elas sofrem os reflexos de desigualdades históricas que afetam diretamente o processo de envelhecer, principalmente nas áreas de saúde e educação (Kalache et al., 2023). Entender como esses fatores influenciam o envelhecimento também é uma forma de contribuir para o desenvolvimento de práticas e políticas mais inclusivas e justas, reforçando a necessidade de abordagens interseccionais no contexto brasileiro (Ferreira; Leeson; Melhado, 2019).

Este artigo tem como objetivo geral analisar a relação entre o envelhecimento das mulheres negras e estratégias que podem promover uma maior qualidade de vida, autonomia e aprendizagem. Especificamente, investiga os impactos sociais e educacionais que atravessam esse grupo, discute possibilidades de intervenção voltadas para suas necessidades e reflete sobre práticas que possam favorecer sua inclusão e valorização na etapa da velhice.

As mudanças na estrutura etária da população brasileira têm imposto novos desafios às políticas públicas, às práticas educacionais e aos campos do conhecimento voltados ao desenvolvimento humano ao longo do curso de vida (Kalache et al., 2023). Nesse cenário, o envelhecimento das mulheres negras revela-se como um fenômeno profundamente atravessado por desigualdades estruturais, que não podem ser compreendidas apenas sob uma perspectiva biológica ou cronológica. Trata-se de um processo marcado por experiências cumulativas de exclusão social, racismo estrutural, desigualdade de gênero e acesso limitado a direitos, fatores que incidem diretamente sobre a saúde física, emocional e cognitiva dessas mulheres ao longo da vida.

As trajetórias de vida das mulheres negras no Brasil são historicamente marcadas por condições de vulnerabilidade social, inserção precoce e precarizada no mercado de trabalho, menor acesso à escolarização formal e exposição contínua a contextos de estresse psicossocial (Barbosa; Oliveira; Oliveira, 2024; Benedito; Paiva, 2025). Esses elementos produzem impactos significativos no processo de envelhecimento, uma vez que a literatura científica aponta que as experiências vividas ao longo do ciclo vital influenciam diretamente o funcionamento cognitivo, a saúde mental e a capacidade de aprendizagem na velhice. Assim, compreender o envelhecimento desse grupo exige uma abordagem ampliada, capaz de integrar fatores sociais, culturais, emocionais e neurocognitivos.

É nesse ponto que a neuropsicopedagogia se apresenta como um campo teórico-prático de



grande relevância para a análise do envelhecimento das mulheres negras, ao articular saberes da neurociência, da psicologia e da pedagogia (Fonseca, 2018; Bossa, 2019). Ao articular saberes da neurociência, da psicologia e da pedagogia, a neuropsicopedagogia oferece instrumentos para compreender como o cérebro aprende, se adapta e se transforma ao longo da vida, inclusive na velhice. Essa abordagem rompe com concepções reducionistas que associam o envelhecimento apenas à perda ou ao declínio, reconhecendo a plasticidade cerebral e as possibilidades contínuas de aprendizagem, ressignificação e desenvolvimento humano.

Do ponto de vista neuropsicopedagógico, o envelhecimento deve ser compreendido como um processo dinâmico, influenciado tanto por fatores biológicos quanto pelas experiências socioculturais acumuladas ao longo da vida (Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2016). No caso das mulheres negras, essas experiências são atravessadas por práticas discriminatórias que impactam a autoestima, a identidade, o acesso ao conhecimento e a participação social. Tais fatores podem repercutir em dificuldades cognitivas, emocionais e educacionais na velhice, não como resultado natural do envelhecimento, mas como consequência de trajetórias marcadas pela desigualdade.

A neuropsicopedagogia, ao adotar uma perspectiva interseccional, contribui para a compreensão de como o racismo estrutural e a desigualdade de gênero afetam os processos de aprendizagem e o funcionamento cognitivo ao longo do curso de vida (Ferreira; Leeson; Melhado, 2019; Hooks, 2005). Essa abordagem permite analisar, por exemplo, como o estresse crônico decorrente de contextos de exclusão pode impactar funções executivas, memória, atenção e saúde emocional, aspectos fundamentais para a autonomia e a qualidade de vida na velhice. Além disso, reconhece que os saberes construídos fora dos espaços formais de escolarização também constituem importantes formas de aprendizagem e devem ser valorizados nas práticas educativas voltadas às pessoas idosas.

Nesse sentido, a atuação neuropsicopedagógica junto às mulheres negras idosas deve pautar-se por práticas que promovam o fortalecimento cognitivo, o estímulo à aprendizagem ao longo da vida e a valorização da identidade e da história dessas mulheres (Freire, 2005; Mbembe, 2018). Intervenções que considerem suas vivências, culturas, memórias e saberes tradicionais contribuem não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para o fortalecimento da autoestima, do senso de pertencimento e da participação social. A aprendizagem, nesse contexto, assume um caráter emancipatório, capaz de romper com narrativas de invisibilidade e marginalização associadas à velhice e à negritude.

Além disso, a neuropsicopedagogia oferece subsídios importantes para a construção de práticas educativas inclusivas e antirracistas, especialmente em espaços formais e não formais de educação destinados às pessoas idosas. Ao reconhecer as singularidades das mulheres negras, esse campo contribui para o desenvolvimento de estratégias que respeitem os ritmos de aprendizagem, promovam



a estimulação cognitiva e favoreçam a autonomia funcional. Tais práticas são fundamentais para o envelhecimento ativo, entendido não apenas como manutenção da saúde física, mas como participação social, acesso ao conhecimento e exercício pleno da cidadania.

Portanto, estabelecer um diálogo entre o envelhecimento das mulheres negras e a neuropsicopedagogia implica reconhecer que a velhice é uma etapa da vida permeada por possibilidades de aprendizagem, reconstrução de sentidos e valorização de trajetórias historicamente silenciadas. Ao integrar uma perspectiva crítica, interseccional e comprometida com a justiça social, a neuropsicopedagogia se consolida como um campo estratégico para a promoção da equidade, da dignidade e da qualidade de vida das mulheres negras na velhice, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e socialmente justa.

1.1 JUSTIFICATIVA

O envelhecimento é um processo marcado por transformações biológicas, cognitivas e sociais, que se manifestam de forma distinta em diferentes grupos populacionais. No caso das mulheres negras, o impacto do racismo estrutural, das desigualdades sociais e dos estereótipos de gênero amplifica os desafios enfrentados durante a velhice, afetando tanto a saúde integral quanto as possibilidades de autonomia e aprendizagem ao longo da vida. Nesse contexto, a neuropsicopedagogia emerge como uma área de intervenção significativa, ao considerar a plasticidade cerebral e a interação entre processos cognitivos, emocionais e educativos. Alinhar esses fatores à compreensão das especificidades históricas, sociais e culturais das mulheres negras idosas é essencial para construir práticas mais equitativas, promovendo qualidade de vida e ressignificação do envelhecimento. Este artigo busca, assim, contribuir para o debate científico e para a formulação de estratégias inclusivas e interseccionais no campo educacional e neuropsicopedagógico.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a relação entre o envelhecimento das mulheres negras e as contribuições da neuropsicopedagogia para promover aprendizagem, autonomia e qualidade de vida.

1.2.2 Objetivos específicos

- Investigar os impactos sociais, culturais e educacionais na experiência de envelhecimento das mulheres negras.
- Discutir as possibilidades de aplicação da neuropsicopedagogia no suporte ao envelhecimento, considerando as especificidades dessa população.
- Relacionar práticas educativas e neuropsicológicas à promoção da saúde integral e do bem-



estar na velhice.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção estabelece as bases conceituais e teóricas que sustentam a análise do envelhecimento das mulheres negras e a contribuição da neuropsicopedagogia para a promoção de sua qualidade de vida. Aborda-se o envelhecimento sob uma perspectiva multidimensional, o papel da interseccionalidade na experiência da mulher negra idosa e os fundamentos da neuropsicopedagogia como campo de apoio à aprendizagem contínua.

2.1 ENVELHECIMENTO MULTIDIMENSIONAL E PLASTICIDADE NEURAL

O envelhecimento é um processo biopsicossocial complexo (De Beauvoir, 2024), que envolve transformações biológicas, como alterações no sistema nervoso (Cepellos, 2021), mas que não se restringe a um declínio. Pesquisas contemporâneas enfatizam a plasticidade neural, ou seja, a capacidade do cérebro de se adaptar e reorganizar funcionalmente ao longo de toda a vida (Lent, 2010), rompendo com visões deficitárias da velhice (Baltes; Baltes, 1990). Do ponto de vista psicológico, o envelhecimento também se manifesta na resiliência e na busca por novas aprendizagens e atividades significativas (Couto et al., 2021; Lopes et al., 2023). Socialmente, a experiência do envelhecimento é profundamente influenciada por fatores como classe, educação e acesso a direitos, que determinam o bem-estar do idoso (Ferreira; Leeson; Melhado, 2019; IBGE, 2023).

2.2 INTERSECCIONALIDADE E A EXPERIÊNCIA DA MULHER NEGRA NA VELHICE

A compreensão do envelhecimento das mulheres negras no Brasil exige a aplicação da interseccionalidade (Akotirene, 2019), ferramenta analítica que demonstra como marcadores sociais como raça, gênero, classe e idade se interligam e reforçam desigualdades. Mulheres negras vivenciam um envelhecimento singular, intensificado pelo racismo estrutural e pelo machismo (Carneiro, 2011; Werneck, 2016), que se traduzem em desafios de saúde, como estresse crônico e maior risco de doenças (Martins; Lima; Santos, 2020; Oraka et al., 2020), e em desigualdades socioeconômicas e educacionais (Barbosa; Oliveira; Oliveira, 2024; Almeida; Silva, 2017). A precarização das trajetórias profissionais (Cacciamali; Hirata, 2005) resulta em maior vulnerabilidade na velhice (Ceccon et al., 2021). Contudo, a interseccionalidade também ressalta a ressignificação da velhice e o fortalecimento da identidade por meio de redes de apoio e da valorização cultural, como o feminismo afro-latino-americano (Lopes et al., 2023; Gonzalez, 2020). Lélia Gonzalez (1984) e Bell hooks (2005; 2013) sublinham a importância de reconhecer os saberes e as experiências das mulheres negras como formas legítimas de conhecimento e resistência.



2.3 NEUROPSICOPEDAGOGIA E A APRENDIZAGEM CONTÍNUA NA VELHICE A NEUROPSICOPEDAGOGIA

É um campo interdisciplinar que articula conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia (Fonseca, 2018; Bossa, 2019) para compreender a aprendizagem humana de forma integral e contextualizada (Delors, 1998; Japiassu, 2006). Baseada na neurociência, reconhece a plasticidade neural como capacidade de aprendizado e reorganização cerebral em qualquer idade (Lent, 2010; Kandel et al., 2014), superando a ideia de declínio cognitivo inerente à velhice. Da psicologia, incorpora abordagens histórico-culturais (Vygotsky, 2007; Bruner, 2001) que veem a aprendizagem como um processo mediado socialmente, e a dimensão subjetiva (González Rey, 2005) que integra cognição e afetividade. Pedagogicamente, alinha-se a abordagens críticas que valorizam saberes prévios e experiências de vida (Freire, 2005; Charlot, 2000), promovendo o fortalecimento cognitivo e a participação social. Neri (2013) e Neri e Yassuda (2014) destacam a importância da estimulação cognitiva e social para a saúde integral na velhice. A neuropsicopedagogia, assim, se posiciona como um campo estratégico para a promoção da aprendizagem contínua, da dignidade e da equidade na velhice, especialmente para mulheres negras.

3 METODOLOGIA

O estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e analítica, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental. O objetivo metodológico é compreender como fatores históricos, sociais, culturais e educacionais impactam o envelhecimento das mulheres negras, influenciando seus processos de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo, autonomia e saúde integral. A seleção da literatura ocorreu a partir de bases de dados acadêmicas, utilizando descritores relacionados aos temas abordados, com foco em estudos recentes e de relevância para o contexto brasileiro. A análise focou em trabalhos e estudos existentes na literatura científica, buscando evidenciar as relações entre identidade racial, contextos de vulnerabilidade, práticas educativas e dimensões neuropsicopedagógicas. Por se tratar de pesquisa bibliográfica, considerações éticas foram asseguradas pela correta citação das fontes. Contudo, reconhece-se como limitação o recorte temporal e a exclusividade da base documental utilizada, que pode não esgotar a totalidade da produção científica sobre o tema..

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O ENVELHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DOS DESAFIOS

A pesquisa bibliográfica revela que o envelhecimento das mulheres negras no Brasil é um fenômeno atravessado por múltiplas dimensões de desigualdade, configurando uma experiência



singular e cumulativa de exclusão. Conforme apontado na literatura, o racismo estrutural e o machismo atuam de forma combinada, impactando diretamente a saúde física e mental, bem como as oportunidades sociais e educacionais dessas mulheres (Carneiro, 2011; Werneck, 2016). Achados indicam que a exposição crônica a microagressões raciais de gênero gera estresse significativo, associado a maiores riscos de hipertensão, diabetes e depressão (Martins; Lima; Santos, 2020; Oraka et al., 2020).

Essa realidade se manifesta também no acesso desigual a serviços essenciais. A literatura evidencia que barreiras geográficas, financeiras e preconceitos institucionais limitam o acesso das mulheres negras a serviços de saúde e educação de qualidade (Barbosa; Oliveira; Oliveira, 2024; Benedito; Paiva, 2025; Almeida; Silva, 2017). As trajetórias profissionais, frequentemente marcadas por precariedade e baixos salários (Cacciamali; Hirata, 2005), culminam em aposentadorias insuficientes e maior vulnerabilidade e dependência na velhice (Cecon et al., 2021). Esses dados reforçam a necessidade de uma leitura interseccional, como proposto por Akotirene (2019), para compreender a complexidade das desvantagens acumuladas.

Apesar dos desafios, a revisão demonstra que muitas mulheres negras encontram formas de ressignificar a velhice e fortalecer sua identidade. As redes de apoio, sejam familiares, comunitárias ou religiosas, emergem como um pilar fundamental para o bem-estar e a saúde mental (Lopes et al., 2023). Além disso, a valorização da cultura e da história afro-brasileira, muitas vezes impulsionada pelo feminismo afro-latino-americano (Gonzalez, 2020), atua como um poderoso instrumento de empoderamento, permitindo a construção de narrativas que celebram figuras históricas e cotidianas de resistência. Bell hooks (2005; 2013) complementa essa visão ao destacar como a educação e o reconhecimento das experiências vividas são cruciais para a construção da dignidade.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA PARA A QUALIDADE DE VIDA E APRENDIZAGEM

A análise da literatura ressalta a relevância da neuropsicopedagogia como um campo estratégico para abordar o envelhecimento das mulheres negras, oferecendo uma perspectiva que rompe com a visão de declínio inerente à idade. A neuropsicopedagogia, ao articular saberes da neurociência, psicologia e pedagogia (Fonseca, 2018; Bossa, 2019), compreende o envelhecimento como um processo dinâmico e contínuo de aprendizagem. Este campo valoriza a plasticidade cerebral (Lent, 2010), sustentando que o cérebro mantém uma significativa capacidade de adaptação e reorganização funcional ao longo de toda a vida, o que abre possibilidades contínuas de desenvolvimento cognitivo e emocional (Kandel et al., 2014; Neri, 2013).

Os estudos analisados indicam que intervenções neuropsicopedagógicas, quando pautadas em uma abordagem crítica e interseccional, podem promover o fortalecimento cognitivo e o estímulo à



aprendizagem ao longo da vida. Elas devem considerar as vivências, culturas, memórias e saberes tradicionais dessas mulheres, como defendido por Freire (2005) e Charlot (2000), contribuindo não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para o fortalecimento da autoestima, do senso de pertencimento e da participação social. A aprendizagem, nesse contexto, adquire um caráter emancipatório, capaz de desafiar narrativas de invisibilidade e marginalização associadas à velhice e à negritude.

A neuropsicopedagogia, ao reconhecer as singularidades das mulheres negras, oferece subsídios para a construção de práticas educativas inclusivas e antirracistas. Ao considerar como o racismo estrutural e a desigualdade de gênero afetam os processos de aprendizagem e o funcionamento cognitivo (Ferreira; Leeson; Melhado, 2019), essa abordagem permite estratégias que respeitem os ritmos de aprendizagem, promovam a estimulação cognitiva e favoreçam a autonomia funcional, conforme preconizado por Neri e Yassuda (2014). Tais práticas são fundamentais para um envelhecimento ativo, que vai além da saúde física para incluir a participação social e o exercício pleno da cidadania.

4.3 DESAFIOS E PROPOSTAS PARA INTERVENÇÕES NEUROPSICOPEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Apesar do potencial da neuropsicopedagogia, a pesquisa destaca barreiras significativas no acesso para as mulheres negras idosas. A concentração de serviços especializados em espaços privados e a hegemonia de modelos eurocêntricos e normativos nas avaliações e intervenções tendem a desconsiderar as experiências e saberes da população negra, reproduzindo lógicas de exclusão (Almeida, 2019; Carneiro, 2005). A ausência de uma formação profissional que incorpore discussões sobre racismo estrutural e interseccionalidade, como sugerido por bell hooks (2013), limita a capacidade de atuação dos neuropsicopedagogos de forma verdadeiramente inclusiva.

Diante desses desafios, a literatura aponta para a necessidade de avanços e propostas concretas. É crucial uma revisão crítica dos fundamentos epistemológicos da neuropsicopedagogia, superando abordagens deficitárias e reconhecendo as mulheres negras idosas como produtoras de conhecimento (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2005). A incorporação sistemática da interseccionalidade nas práticas de avaliação e intervenção é indispensável, orientando não apenas as ações profissionais, mas também as políticas públicas (Akotirene, 2019).

Propostas incluem a criação e o fortalecimento de programas sociais que valorizem a identidade e cultura das mulheres negras, com atividades como círculos de conversa e rodas de memória (Lopes; Ribeiro; Oliveira, 2023), e políticas públicas que promovam o envelhecimento ativo e a inclusão educacional, com foco em cuidados interseccionais (Benedito; Paiva, 2025; Werneck, 2016). Fomentar



ações que combinem inclusão educacional com o resgate de saberes tradicionais, transformando-as em agentes ativas, é fundamental para promover equidade, dignidade e respeito mútuo.

5 CONCLUSÃO

O percurso teórico-analítico desenvolvido neste artigo evidencia que o envelhecimento das mulheres negras no Brasil não pode ser compreendido como um processo homogêneo, linear ou estritamente biológico. Trata-se de uma experiência socialmente construída, marcada por múltiplas nuances que decorrem da articulação histórica entre raça, gênero, classe e idade. Essas dimensões operam de forma interdependente, produzindo desigualdades estruturais que se acumulam ao longo do curso da vida e se expressam de maneira intensificada na velhice. O racismo estrutural, o sexismo e o etarismo, ao atuarem conjuntamente, configuram condições desiguais de acesso à educação, à saúde, ao trabalho e às políticas públicas, impactando diretamente a autonomia, a aprendizagem e a qualidade de vida das mulheres negras idosas.

Ao longo do texto, demonstrou-se que as trajetórias de vida dessas mulheres são atravessadas por processos históricos de exclusão que não se restringem à dimensão material, mas produzem efeitos simbólicos, subjetivos e cognitivos profundos. A desvalorização de seus saberes, a invisibilização de suas histórias e a negação de reconhecimento social constituem formas de violência que incidem sobre a saúde emocional e sobre os processos de aprendizagem na velhice. Compreender essas dinâmicas exige sensibilidade às nuances que diferenciam as experiências do envelhecimento feminino negro, evitando generalizações que obscurecem a complexidade das vivências individuais e coletivas.

Nesse cenário, a neuropsicopedagogia apresenta-se como um campo teórico-prático de especial relevância, ao possibilitar uma leitura ampliada do envelhecimento, fundamentada na articulação entre neurociência, psicologia e pedagogia. Ao reconhecer a plasticidade neural ao longo de todo o ciclo vital e a aprendizagem como processo contínuo, historicamente situado e socialmente mediado, a neuropsicopedagogia rompe com concepções reducionistas que associam a velhice exclusivamente ao declínio cognitivo. Tal abordagem permite captar as nuances dos processos de aprendizagem na velhice, considerando não apenas aspectos neurobiológicos, mas também as condições sociais, culturais e emocionais que atravessam as trajetórias das mulheres negras.

No caso específico das mulheres negras idosas, a incorporação de uma perspectiva interseccional torna-se indispensável para compreender como as desigualdades educacionais, o acesso limitado à escolarização formal e a exposição contínua a contextos de estresse psicossocial impactam o funcionamento cognitivo e as possibilidades de aprendizagem. Essas experiências, marcadas por múltiplas nuances ao longo da vida, não podem ser interpretadas como déficits individuais, mas como efeitos cumulativos de estruturas sociais desiguais. A neuropsicopedagogia crítica, ao reconhecer tais



determinações, contribui para a construção de práticas educativas que respeitam os ritmos, os repertórios culturais e as singularidades dessas mulheres.

As reflexões desenvolvidas também evidenciam que as práticas neuropsicopedagógicas inclusivas assumem uma dimensão ética e política fundamental. Ao valorizar a memória autobiográfica, a oralidade, a ancestralidade e os saberes construídos fora dos espaços formais de escolarização, tais práticas reconhecem as mulheres negras idosas como sujeitos cognoscentes e produtoras de conhecimento. Esse reconhecimento permite apreender as nuances dos saberes construídos ao longo de trajetórias marcadas pela resistência, fortalecendo a autoestima, o senso de pertencimento e a participação social. A aprendizagem, nesse contexto, adquire caráter emancipatório, articulando desenvolvimento cognitivo, reconhecimento identitário e exercício pleno da cidadania.

No âmbito das políticas públicas, o estudo aponta para a necessidade de abordagens que considerem as nuances do envelhecimento das mulheres negras, superando ações genéricas e desarticuladas. Embora existam marcos legais importantes no enfrentamento das desigualdades raciais e de gênero, sua efetividade depende da incorporação de uma leitura interseccional que reconheça as especificidades desse grupo ao longo do curso da vida. Políticas de educação, saúde e assistência social precisam ser pensadas de forma integrada, garantindo acesso equitativo a práticas de cuidado cognitivo, aprendizagem ao longo da vida e participação social na velhice.

Outro aspecto central refere-se à formação dos profissionais que atuam nos campos da educação, da saúde e da neuropsicopedagogia. A ausência de uma formação crítica e antirracista compromete a capacidade de compreender as nuances que atravessam os processos de aprendizagem na velhice e pode resultar na reprodução de práticas excludentes. Investir em currículos formativos que incorporem discussões sobre racismo estrutural, interseccionalidade, envelhecimento e epistemologias negras constitui passo fundamental para a consolidação de práticas profissionais comprometidas com a equidade e a justiça social.

Diante do exposto, conclui-se que a articulação entre o envelhecimento das mulheres negras e a neuropsicopedagogia amplia significativamente a compreensão da velhice, ao evidenciar suas múltiplas nuances e potencialidades. Ao reafirmar a velhice como etapa legítima de aprendizagem, produção de sentidos e valorização das trajetórias historicamente silenciadas, este estudo contribui para a construção de práticas educativas e políticas públicas que reconhecem as mulheres negras idosas como sujeitos históricos, cognoscentes e detentoras de saberes socialmente relevantes. Trata-se, portanto, de afirmar uma concepção de envelhecimento comprometida com a dignidade humana, a justiça social e o direito à aprendizagem ao longo de todo o curso da vida.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Cíntia Borges de; SILVA, Marcelo Gomes da. A história da educação dos negros no Brasil. **Revista de História e Historiografia da Educação**, v. 1, p. 276, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rhhe.v1i0.53535>. Acesso em: 9 set. 2025.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BALTES, Paul B.; BALTES, Margret M. (org.). **Successful aging: perspectives from the behavioral sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990
- BARBOSA, Ana Cláudia; OLIVEIRA, Simone Santos; OLIVEIRA, Roberta deGondim. Vulnerabilidades mediando o encontro do Cuidado em Saúde: por uma agência interseccional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 7, p. 10, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024297.04352024>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- BELLO, Luciane. Jovens negros e ensino superior no Brasil: desvantagens no acesso e o processo de resiliência. **Identidade**, v. 18, n. 2, p. 15, 2013.
- BENEDITO, Jonorete de Carvalho; PAIVA, Sálvea de Oliveira Campelo e. Envelhecimento dos/as trabalhadores/as negros/as em contexto de desigualdades sociais e étnico-raciais: uma contribuição teórica à luta pelos direitos humanos. **Serviço Social em Revista**, v. 34, n. 2, p. 21, 2025. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/5161>. Acesso em: 5 dez. 2025.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- BRUNER, Jerome S. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CABRAL, Sueli Maria *et al.* Black women in the labor market: case study in vale do sinos/rs, brazil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 17, n. 51, p. 379-404, 31 mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10909321>. Acesso em: 8 set. 2025.
- CACCIAMALI, Maria Cristina; HIRATA, Guilherme Issamu. A influência da raça e do gênero nas oportunidades de obtenção de renda - uma análise da discriminação em mercados de trabalho distintos: Bahia e São Paulo. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 35, n. 4, p. 767-795, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-41612005000400007>. Acesso em: 9 set. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. [S. l.]: Selo Negro Edições, 2011. 192 p. ISBN 978-8587478467.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- CAROLINO, Amanda Ribeiro; FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Políticas afirmativas: Acesso ao ensino superior por estudantes negros no Brasil. **Revista Ciências Administrativas**, v. 29, p. 1-14, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/2318-0722.2023.29.e13692>. Acesso em: 8 set. 2025.
- CECCON, Roger Flores *et al.* Envelhecimento e dependência no Brasil: características sociodemográficas e assistenciais de idosos e cuidadores. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1,



p. 17-26, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30352020>. Acesso em: 8 set. 2025.

CEPELLOS, Vanessa Martines. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020210208>. Acesso em: 8 set. 2025.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COUTO, Ricardo Neves *et al.* Crescimento pós-traumático após divórcio: contribuição dos valores para além das variáveis demográficas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e375147>. Acesso em: 9 set. 2025.

DAMASIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DE BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024. 608 p. ISBN 978-6556408491.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

FERREIRA, João Paulo; LEESON, George; MELHADO, Vivian Ramos. Cartografias do envelhecimento em contexto rural: notas sobre raça/etnia, gênero, classe e escolaridade. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00176>. Acesso em: 17 dez. 2025.

FONSECA, V. da. **Psicopedagogia e neuropsicopedagogia: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

FREITAS, Gabriela Leão Toribio; SANTOS, Jucilene da Conceição; JACINTO, Pablo Mateus dos Santos. Insertion of black women in the world of work: a literature review. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 9, n. 26, p. 47-63, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5933302>. Acesso em: 9 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20180010>. Acesso em: 9 set. 2025.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 1-20, 1984. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/10316/1/06_GONZALES__Lélia_Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_1.pdf. Acesso em: 11 ago. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Tradução: Barbara Cruz *et al.* Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book* (368 p.). ISBN 978-65-5782-005-6. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.



HOOKS, B. *Intelectuais negras*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais | IBGE**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=38475&t=resultados>. Acesso em: 9 set. 2025.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. 5. ed. São Paulo: Imago, 2006.

KALACHE, Alexandre *et al.* Envelhecimento, velhices e interseccionalidades. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 26, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562023026.230249.pt>. Acesso em: 17 dez. 2025.

KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. **Princípios de neurociência**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

LAGE, Mariana Luísa da Costa; SOUZA, Eloisio Moulin de. Da cabeça aos pés: racismo e sexismo no ambiente organizacional. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, p. 55, 8 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24857/rgsa.v0i0.1378>. Acesso em: 9 set. 2025.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociência**. São Paulo: Atheneu, 2010.

LOPES, Renato Luis Barros; RIBEIRO, Luis Claudio; OLIVEIRA, Deise Moura de. A saúde promovida por redes sociais e comunitárias de mulheres de baixa renda. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, n. 7, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311xpt218022>. Acesso em: 9 set. 2025.

LORDE, Audre. I am your sister. In: LORDE, Audre. **Feminist theory reader**. Fifth edition. | New York, NY : Routledge, 2020.: Routledge, 2020. p. 216-219. ISBN 9781003001201. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003001201-27>. Acesso em: 22 set. 2025.

MACHADO, Marília Novais da Mata. Os escritos de carolina maria de jesus: determinações e imaginário. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 105-110, ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-71822006000200014>. Acesso em: 9 set. 2025.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MARTINS, Tafnes Varela; LIMA, Tiago Jessé Souza de; SANTOS, Walberto Silva. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2793-2802, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>. Acesso em: 8 set. 2025.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS (MDIC); MINISTÉRIO DO EMPREENDEDORISMO, DA MICROEMPRESA E DA EMPRESA DE PEQUENO PORTE (MEMP); PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Panorama do empreendedorismo feminino no brasil**. Brasília: MDIC, MEMP, PNUD, 2024. 40 p. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt->



br/empreendedor/elas-empreeudem/panorama-do-empreeendedorismo-feminino-no-brasil/estudo-do-empreeendedorismo-feminino.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches. **Cognição, humor e bem-estar na velhice**. Campinas, SP: Alínea, 2014.

NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência** : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de conceição evaristo. [S. l.]: Mina, Editorial, 2020. ISBN 9786599254703.

ORAKA, Claudia Simões *et al.* Raça e obesidade na população feminina negra: uma revisão de escopo. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902020191003>. Acesso em: 9 set. 2025.

PIALARISSI, Renata. Precarização do trabalho. **Revista de Administração em Saúde**, v. 17, n. 66, 1 jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.23973/ras.66.11>. Acesso em: 9 set. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. 114 p. ISBN 9788598349688.

ROCHA, Letícia Ferreira. Luiza mahin, mãe, mulher, rebelde e libertária. **Revista Mosaico - Revista de História**, v. 16, n. 1, p. 72-81, 16 jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/mos.v16i1.9159>. Acesso em: 9 set. 2025.

ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; PINTO, Eliane Aparecida Toledo; CHIRINÉA, Andréia Melanda. A lei nº 10.639/03 e o epistemicídio: relações e embates. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 3, p. 949-967, 9 abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623665332>. Acesso em: 9 set. 2025.

SANTOS, Isadora. **48% das empreendedoras negras são mães solo e enfrentam a sobrecarga doméstica como principal desafio**. 29 abr. 2025. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/48-das-empreeendedoras-negras-sao-maes-solo-e-enfrentam-a-sobrecarga-domestica-como-principal-desafio/>. Acesso em: 30 set. 2025.

SANTOS, Márcia Pereira Alves Dos *et al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 225-244, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>. Acesso em: 9 set. 2025.

SENKEVICS, Adriano Souza; MELLO, Ursula Mattioli. Um balanço dos dez anos da política federal de cotas na educação superior (lei nº 12.711/2012). **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 6, 29 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/9786558010531.ceppe.v6.5384>. Acesso em: 9 set. 2025.

SILVA, Patricia Alexandrina da; KRAKAUER, Patricia Viveiros De Castro. Motivos e oportunidades que levam as mulheres negras a empreenderem no Brasil. **South American Development Society Journal**, v. 9, n. 25, p. 179, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v9i25p179-199>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SOLDATELLI, Jean Michel Gallo *et al.* **Desenvolvendo modelos de negócios antirracistas: A realidade da mulher negra no Brasil**. 5 ago. 2024. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/desenvolvendo-modelos-de-negocios-antirracistas-a-realidade-da-mulher-negra-no-brasil/>. Acesso em: 14 nov. 2025.



VEIGA, Edison. **Luiza Mahin**: a mulher que virou mito da força negra feminina. 28 nov. 2023. Disponível em: https://www.geledes.org.br/luiza-mahin-a-mulher-que-virou-mito-da-forca-negra-feminina/?gad_source=1&gad_campaignid=1495757196&gclid=Cj0KCQjwoP_FBhDFARIsANPG24Nt9NxYZ6eSXESLyvCMK_vZbduTKVPHfGTYgk_v2WaxPIQjvXjmXBlaAiDuEALw_wcB. Acesso em: 9 set. 2025.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 535-549, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-129020162610>. Acesso em: 9 set. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

